

A ESCRITA MEDIADA COMO ATIVIDADE DE ESTIMULAÇÃO NA APROPRIAÇÃO DO SISTEMA ALFABÉTICO

Gislene Silva Dutra

DOI: 10.51207/2179-4057.20200032

RESUMO – A pesquisa de Ferreiro e Teberosky acerca da psicogênese da língua escrita foi popularizada no Brasil na década de 1980 e, mesmo diante das comprovadas contribuições desses estudos para a alfabetização, ainda se faz presente na realidade das escolas brasileiras professores alfabetizadores que não conseguem compreender o que as crianças já sabem sobre a escrita e, em decorrência dessa falta de clareza, encontram dificuldades em saber o que fazer para que a criança se aproprie do sistema alfabético. O objetivo desse artigo é discutir as possibilidades do uso da escrita mediada como um instrumento de intervenção psicopedagógica para a estimulação das hipóteses de escrita das crianças não alfabetizadas acerca do sistema alfabético. A metodologia adotada para a construção desse artigo foi a pesquisa bibliográfica, que serviu de aporte teórico para a apresentação de estratégias práticas de estimulação em cada hipótese de escrita no sentido de contribuir para a apropriação do sistema alfabético. Foi possível concluir que o psicopedagogo precisa considerar os conhecimentos que as crianças já possuem em cada nível de escrita como ponto de partida para a intervenção psicopedagógica e que a escrita mediada é uma atividade que contribui para o avanço das hipóteses de escrita das crianças.

UNITERMOS: Escrita mediada. Diagnóstico. Estimulação. Psicopedagogia.

Gislene Silva Dutra – Pedagoga; Especialista em Educação Inclusiva, Inspeção Escolar e Psicopedagogia Clínica e Institucional; Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local; Doutoranda em Educação pela Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI), Brumadinho, MG, Brasil.

Correspondência

Gislene Silva Dutra

Rua Presidente Kennedy, 573 – Santa Efigênia – Brumadinho, MG, Brasil – CEP 35460-000

E-mail gislensilvadutra@hotmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com a psicogênese da língua escrita, a aprendizagem se dá pela interação entre o aprendiz e a escrita mediada por meio de experimentações em processos de escrever e ler. Dessa forma, a criança expressa suas hipóteses de escrita, ou seja, reflete sobre o seu funcionamento. É nesse contexto que o aprendiz parte de seus conhecimentos prévios sobre a escrita e vai evoluindo a partir de conflitos cognitivos, entre a ideia que a criança tem da escrita e as estimulações do meio.

A pesquisa de Ferreiro e Teberosky acerca da psicogênese da língua escrita foi popularizada no Brasil na década de 1980 e, mesmo diante das comprovadas contribuições desses estudos para a alfabetização, ainda é um desafio na realidade das escolas brasileiras professores alfabetizadores que não conseguem compreender o que as crianças já sabem sobre a escrita e, em decorrência dessa falta de clareza, encontram dificuldades em saber o que fazer para que a criança se aproprie do sistema alfabético.

Diante disso, apresenta-se como problema da pesquisa a seguinte questão: como estimular as crianças para que evoluam nas suas hipóteses de escrita?

O objetivo desse artigo é discutir as possibilidades do uso da escrita mediada como um instrumento de intervenção para a estimulação das hipóteses de escrita das crianças não alfabetizadas acerca do sistema alfabético.

O estudo torna-se relevante no âmbito da Psicopedagogia, como área que atua junto aos professores e também para psicopedagogos que não possuem a formação pedagógica, de forma que possam compreender melhor a construção da escrita no aprendiz e diferenciar esta construção nas dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, a proposta apresentada nesse artigo contribuiu para o trabalho do professor no processo de alfabetização das crianças, partindo do pressuposto que é papel do psicopedagogo "dar assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para a melhoria das condições do processo de ensino-aprendizagem,

assim como para a prevenção dos problemas de aprendizagem"¹.

Para o âmbito da educação, esse estudo contribui com o debate sobre as práticas exitosas de alfabetização a partir dos estudos da psicogênese da língua escrita.

A metodologia adotada para a construção desse artigo foi a pesquisa qualitativa e exploratória. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que não esgota os autores que estudaram a construção da escrita, mas parte de um estudo inicial que revolucionou o processo de alfabetização na década de 80, no Brasil. Foram utilizadas propostas brasileiras para implantar formas distintas de alfabetização, das já conhecidas no Brasil, e traz alguns teóricos que discutiram e discutem a pesquisa inicial e propuseram articulações da pesquisa inicial à realidade brasileira, além de trazer exemplos da vivência da autora.

DESENVOLVIMENTO

Revisitando a psicogênese da língua escrita

No processo de aquisição do sistema de escrita alfabética os alunos seguem um percurso de evolução passando por quatro períodos nos quais elaboram diferentes hipóteses ou explicações como o funcionamento da escrita alfabética; a saber: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético².

Os níveis de escrita perpassam pelas fases pré-fonológica e fonológica (Figura 1)³.

Na fase pré-fonológica, ou seja, antes das crianças compreenderem que a escrita representa os sons da fala, ela vivencia algumas hipóteses de escritas: icônica, garatuja, pré-silábica e silábica sem valor sonoro.



Figura 1 - Fase pré-fonológica e fonológica.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos estudos de Soares³.

É relevante o trabalho com o conhecimento das letras durante o período pré-fonológico. Para tanto, é preciso destacar que conhecer uma letra envolve três aspectos importantes: conhecer o nome da letra, a sua forma e o som que ela representa, aspectos que serão detalhados nesse artigo.

Os níveis que compõem a fase pré-fonológica estão caracterizados nos próximos parágrafos^{2,3}.

Na fase icônica, a criança entende que escrever é a mesma coisa que desenhar, por isso, é comum que elas representem por desenho o objeto da escrita.

Na garatuja, a criança compreende que escrever é imitar a escrita do adulto, por isso, nessa fase elas tentam imitar com rabiscos o movimento da escrita do adulto.

Na fase pré-silábica a criança já compreende que se usa letra para representar a escrita, mas, qualquer letra serve e em qualquer quantidade. Nesse nível, a criança não percebe nenhuma associação entre grafias e sons. Ela estabelece vínculo entre a fala e a escrita. A criança nesta fase não percebe que, ao escrever, ela está transformando a fala das pessoas e principalmente a dela em escrita².

Na fase pré-silábica algumas crianças criam a expectativa de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho da pessoa, objeto ou animal (realismo nominal). Por exemplo, caso ela escreva elefante, a palavra será bem maior em relação à escrita da palavra rato².

Na fase fonológica a criança já compreende que a escrita tem relações com o som da fala. Essa fase envolve os níveis silábico (com valor sonoro), silábico alfabético e alfabético.

No nível silábico a criança compreende que escrever é representar sons da fala e que tais sons podem ser segmentados em sílabas. A fase silábica divide-se em duas hipóteses: silábico com valor sonoro e silábico sem valor sonoro, conforme expresso na Figura 2.

No nível silábico-alfabético, a criança vivencia um período de transição no qual ela trabalha simultaneamente com duas hipóteses: a silábica e a alfabética na mesma palavra. Assim, ora ela

escreve atribuindo a cada sílaba uma letra, ora representando as unidades sonoras menores, os fonemas. Nesse nível, a criança já consegue identificar a maioria dos fonemas, quer sejam vogais ou consoantes.

A criança compreende que a escrita representa o som da fala. Entende que escrever é representar as partes sonoras da palavra, ainda que não faça corretamente, associa a escrita com o som de cada palavra, por este motivo, é necessário que o educador entenda e pergunte ao aluno o que ele escreveu, para que saiba se está havendo esta associação ou não².

Uma criança na fase silábico-alfabética inicia a tentativa de estabelecer relações entre o som da linguagem e o registro (a escrita). A estratégia utilizada pela criança é atribuir a cada letra o registro de uma sílaba falada. Esta é a principal característica dessa fase².

Para que a criança escreva de forma alfabética, ela precisa registrar todos os sons presentes na palavra. É importante considerar que muitas palavras não atendem à grafia correta, mas aos sons percebidos pela criança, por exemplo, chuva/xuva.

Entende-se como alfabetizada a criança que dominou a fase do sistema de escrita, que lê e escreve textos com compreensão e sentido possíveis de serem lidos, mesmo que apresentem erros de ortografia².

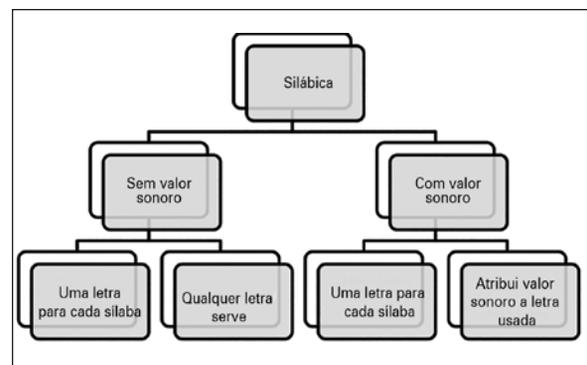


Figura 2 - Nível silábico da leitura e escrita³

Para apropriação do sistema de escrita, a criança deve compreender as seguintes propriedades:

1. Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos.
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assumam formatos variados (P, p, B, b).
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada.
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras.
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras.
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem.
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos.
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante – vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal⁴.

Conhecer o nível de escrita da criança auxilia o psicopedagogo a compreender o que ela pensa e sabe sobre a escrita. Nesse sentido, é preciso considerar que o diagnóstico é o primeiro passo para uma boa intervenção.

Em uma visão construtivista o que interessa é a lógica do erro: trata-se às vezes de ideias que não são erradas em si mesmas, mas aparecem como errôneas porque são sobre generalizações, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou de ideias que necessitam ser diferenciadas ou coordenadas, ou, às vezes, ideias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução⁵.

No trabalho psicopedagógico o objetivo do diagnóstico de escrita é descobrir as hipóteses das crianças sobre a escrita, para tanto, faz-se necessário buscar instrumentos adequados e eficazes. Tais instrumentos precisam possibilitar uma coleta de dados individual para que o psicopedagogo consiga observar o que a criança já construiu sobre a escrita.

Acerca desse momento de diagnóstico, é importante compreender que:

A sondagem é um dos recursos de que o professor dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos ainda não alfabetizados têm sobre a escrita alfabética. [...] Por meio da sondagem podemos perceber se o aluno faz ou não relação entre a fala e a escrita e, se faz, de que tipo é a relação⁶.

Um instrumento muito utilizado no âmbito da Psicopedagogia como diagnóstico é a escrita espontânea, em que o profissional coloca algumas imagens e solicita que a criança escreva do seu jeito determinada palavra. Nessa proposta é importante que a criança entenda que escrever 'do seu jeito' não é escrever 'de qualquer jeito', visto que o que está sendo solicitado é que a criança reflita sobre o modo de escrever determinada palavra.

Essa avaliação inicial me permite acompanhar os avanços na apropriação do sistema de escrita alfabética durante todo o ano. A sondagem inicial é realizada através de uma atividade feita individualmente

com a produção espontânea de uma lista de palavras do mesmo grupo semântico¹.

Na escrita espontânea faz-se relevante que o psicopedagogo utilize palavras do mesmo campo semântico para auxiliar a criança a contextualizar sua escrita. Além desse aspecto, é importante que a escrita espontânea seja composta por palavras com formações distintas (canônicas e não canônicas) e quantidade de sílabas, buscando verificar quais sons a criança de fato já consegue registrar¹.

- a) a relação de palavras deve-se iniciar com um polissílabo e acabar com um monossílabo;
- b) não deve haver repetição de letras nas palavras;
- c) não se deve repetir as palavras "silabando";
- d) cada palavra escrita deve ser imediatamente acompanhada pela leitura do aluno;
- e) é importante que o professor registre a escrita e a leitura do aluno, bem como outras informações que julgue relevante, em uma folha à parte;
- f) na elaboração da frase, deve-se utilizar pelo menos uma das palavras que pertencem à relação, para que se possa observar se há estabilidade na escrita².

É importante destacar que é um momento no qual o aluno deve mostrar ao psicopedagogo o que pensa sobre o sistema alfabético e isso requer que ele escreva sem a intervenção do profissional. Assim, no momento do diagnóstico é importante que o psicopedagogo, ao ler ou ditar uma palavra, não evidencie a segmentação das sílabas.

Para auxiliar na eficácia do diagnóstico, após a escrita das palavras, a criança deverá ler em voz alta aquilo que escreveu, pois essa leitura ajudará o psicopedagogo a verificar em quais das propriedades do sistema alfabético a criança apresentou avanços⁶.

A escrita mediada como possibilidade de estimulação para a evolução das hipóteses de escrita

As crianças não aprendem simplesmente porque veem os outros ler e escrever e

sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque veem letras escritas e sim porque se propõem a compreender por que essas marcas gráficas são diferentes de outras. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição, e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos. Em resumo: não aprendem simplesmente porque veem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe fornece⁷.

Nesse sentido o conhecimento da leitura e da escrita se dá a partir do contato da criança com o objeto da escrita e pela qualidade da mediação do psicopedagogo no sentido de estimular a criança a lançar hipóteses acerca do funcionamento do sistema alfabético.

Conforme já mencionado, o diagnóstico é o ponto de partida para pensar estratégias de intervenção. Sendo assim, de nada adianta ao professor saber o que os alunos já conhecem sobre a escrita se não for para direcionar uma intervenção eficaz. O diagnóstico de escrita não deve ser realizado somente no início do ano letivo, mas, de forma frequente, na perspectiva de um monitoramento da evolução das hipóteses da criança.

...conhecer os estágios da escrita, segundo Ferreiro, tem apenas uma função, saber identificar em que hipótese o educando se encontra para que o professor possa fazer as mediações corretas para que o mesmo possa evoluir na sua escrita. Em virtude dessas considerações, é importante lembrar que os níveis não existem para rotulá-los, mas para que o professor possa conhecer as dificuldades que o educando possui e como intervir de forma correta e de que forma conduzir esse processo, para que o ensino-aprendizagem aconteça com sucesso¹ (p. 12-13).

Após o diagnóstico de escrita, é importante que o psicopedagogo elabore intervenções coerentes com o nível psicogenético de cada criança, selecionando, assim, atividades de estimulação que as levem a desafiar suas hipóteses e evoluir no seu nível de escrita.

A escrita mediada será apresentada nesse tópico como uma possibilidade de intervenção eficaz para a apropriação do sistema de escrita alfabética. Para fins desse artigo, entende-se por escrita mediada as intervenções realizadas pelo psicopedagogo na escrita produzida pela criança no sentido de levá-la a desafiar suas próprias hipóteses sobre o sistema alfabético.

Vale destacar que para que essa mediação seja eficaz é importante considerar a escolha de atividades adequadas que tenham por finalidade desestabilizar as concepções que a criança constrói em cada nível de escrita.

O principal desafio de uma criança pré-silábica trata-se de perceber que existe uma relação entre os sons da fala e seus registros escritos⁴. No nível pré-silábico os alunos enfrentam alguns conflitos levando-a a refletir, por exemplo:

Que sinais eu uso para escrever palavras? Conhecer o significado dos sinais escritos. As categorias linguísticas (letras, palavras, frases e textos) não são claramente definidas. Seus significados são misturados, portanto, há necessidade de trabalharmos simultaneamente para que os alunos se familiarizem com eles e comecem a esboçar a distinção para cada um deles⁸.

Uma criança pré-silábica, por exemplo, já compreende que se escreve com letras, mas, pensa na palavra como um bloco único de som e para que ela evolua dessa condição será preciso desafiá-la com atividades que possibilitem a percepção de que uma palavra é composta por unidades menores de som, as sílabas.

Na fase pré-silábica da escrita, a criança já se apropriou da ideia de que as letras é que devem ser utilizadas para a escrita de palavras, por outro lado, acredita que esse registro deve ter

características físicas e funcionais. No realismo nominal a criança acredita que, por exemplo, usaria poucas letras para escrever formiga, já que se trata de um animal pequeno, e que para escrever boi precisa de muitas letras, por ele ser grande⁹.

Nessa fase é relevante que o aluno perceba a quantidade de sílabas presentes numa palavra, de forma a quebrar esse bloco único de som (visão do pré-silábico) em partes menores (sílabas) evoluindo assim para o nível silábico.

O processo de mediação da escrita para a transição do pré-silábico para o silábico deverá ocorrer no sentido de levar a criança a contar quantas sílabas há na palavra. Uma estratégia que pode ser usada para auxiliar as crianças a perceberem a quantidade de sílabas é bater uma palma para cada sílaba pronunciada.

Paralelo a esse processo de contagem de sílabas, a criança precisa avançar no conhecimento das letras (nome, forma e som). O conhecimento da letra envolve os processos de nomear a letra, saber sua forma (manuscrita maiúscula, minúscula, cursiva, traçado correto) e reconhecer os sons que a letra possui. Nesse processo é importante que as palavras sejam analisadas por meio de suas letras iniciais e finais, fazendo relação entre palavras que compartilham as mesmas letras¹⁰.

Após as atividades de estimulação, espera-se que as crianças consigam avançar para as seguintes habilidades:

diferenciar o desenho da escrita; reconhecer que as letras desempenham um papel na escrita; compreender a vinculação do discurso oral com o texto escrito; perceber as letras e seus sons; estabelecer macrovinculações do que se pensa com o que se escreve, superando critérios do pensamento intuitivo; identificar e escrever o próprio nome; identificar o nome dos colegas; perceber que usamos letras diferentes em diferentes posições⁸ (p. 9).

No nível silábico as crianças supõem que a escrita representa a fala e que a menor unidade de língua seja a sílaba; para cada fonema, usa uma letra para representá-lo; tenta fonetizar a escrita e atribuir ou não valor sonoro às letras. Assim, pode-se afirmar que o que define o nível silábico é a segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciá-las⁸.

Nessa fase a criança já compreende que as palavras são compostas por sílabas, e registram uma letra para representar cada sílaba. É importante destacar que, dentro do nível silábico, trabalha-se com duas: silábico sem valor sonoro e silábico com valor sonoro. O silábico sem valor sonoro compreende a fase em que a criança representa uma letra para cada sílaba sem fazer correspondência sonora. O nível silábico com valor sonoro é quando a criança usa uma letra para cada sílaba, atribuindo a cada letra um valor sonoro⁹.

Os conflitos vivenciados pelas crianças nessa fase referem-se ao fato da escrita estar vinculada ao som das partes da palavra e ao ajuste entre a escrita e a fala, além de compreender qual a quantidade mínima de letras necessárias para a escrita das palavras.

Um conflito que deve se instaurar nos níveis pré-silábico e o silábico deve ser a compreensão da estabilidade da escrita das palavras, isto é, a constatação de que uma palavra é escrita sempre da mesma maneira, com as mesmas letras e numa mesma ordem⁸.

Os avanços alcançados nessa fase nascem dos conflitos cognitivos, um deles faz relação com a quantidade mínima de caracteres. A criança não aceita mais escrever uma letra para registrar a palavra PÓ, por exemplo. Outro conflito presente nesse nível de escrita é o de não poder escrever ou ler palavras onde todas as letras são iguais A A A quando quer registrar a palavra ARARA, por exemplo. A criança também percebe que não pode escrever a mesma letra para palavras diferentes, como, por exemplo, o O para escrever VOVÓ e TOTÓ⁹.

A criança silábica já compreende que as palavras são compostas por sílabas, mas nem

todas já relacionam a quantidade de sílabas com o registro de uma letra com valor sonoro. Algumas hipóteses perpassam a escrita das crianças silábicas, a título de exemplo, utilizaremos a palavra BONECA, ela pode ser representada das seguintes formas pelas crianças:

- Com quantidade e sem representação sonora (GHF).
- Com representação sonora com vogal (OEA).
- Com representação sonora com consoante (BNK).
- Com representação sonora com consoante e vogal (BEK).

No nível silábico sem valor sonoro a criança já consegue perceber que a palavra é segmentada em sílabas, mas ainda não relaciona a letra que representa a sílaba com o som presente nela, por isso, é importante investir em atividades que realcem o som da sílaba. Geralmente, os primeiros sons que a criança percebe são as vogais e as letras que têm o mesmo som que a sílaba (T, D, B, P). Nesse processo é importante o trabalho com as atividades que envolvem a consciência fonológica.

Entende-se por consciência fonológica o conjunto de habilidades que nos permitem refletir sobre as partes sonoras das palavras, ou seja, sons das sílabas, dos fonemas e de segmentos maiores que as sílabas.

O trabalho com atividades voltadas para a consciência fonológica ajuda a criança perceber que as palavras que começam ou terminam com o mesmo som tendem a ser escritas de forma semelhante. Para isto, o uso de textos como parlendas, trava-línguas, músicas conhecidas pelas crianças, cordéis e poemas, pode ajudar bastante⁴.

A estimulação de um aluno que está no nível silábico deve pautar-se no trabalho com atividades que levem a criança a perceber e representar todos os fonemas presentes nas sílabas. Para tanto, sugere-se que a criança realize a segmentação oral de uma palavra a partir de sua imagem e identifique a quantidade de sílabas

presentes nela. Em seguida, o psicopedagogo entrega as sílabas móveis que compõem a palavra (fora da ordem correta de escrita) para que a criança monte a palavra.



Essa atividade leva a criança a pensar no som de cada sílaba da palavra BONECA e tentar localizar entre as sílabas móveis qual delas representa cada som presente na palavra.

Essa escrita mediada leva a criança a evoluir para a percepção de que para escrever é preciso pensar de forma silábica e que, além disso, é necessário estar atenta aos sons de cada sílaba para que possa montá-la corretamente.

Nessa fase não se indica o uso do alfabeto móvel para a construção de palavras, mas, sim, a manipulação silábica, ou seja, a unidade de estudo e reflexão de uma criança pré-silábica para que evolua no seu nível de escrita é a sílaba e não a letra (ou o fonema)¹⁰.

No nível silábico-alfabético as crianças já compreendem que a escrita representa os sons da fala e também percebem a necessidade de mais de uma letra para a maioria das sílabas, mas, em dados momentos, ainda mantêm o princípio silábico de uma letra para cada sílaba.

A hipótese silábica alfabética também não satisfaz o aluno e ele continua na busca incansável de construção e superação de hipóteses e somente quando alcança a fonetização da sílaba, ou seja, percebe a constituição alfabética, sente-se melhor. No entanto, essa fonetização não é instantânea ou definitiva, pois é comum os alunos escreverem ora com sílabas completas, ora de forma silábica. Nesse momento, a principal característica é o reconhecimento do som da letra⁸.

Tratada como uma fase de transição, nela a criança entende que precisa de mais letras na hora da escrita "[...] ela necessita refletir, mais detidamente, sobre o interior das sílabas orais, de modo a buscar notar nos pequenos sons que

as formam, em lugar de colocar uma única letra para cada sílaba."⁹ (p. 62).

É de grande importância que a criança tenha um maior domínio das consoantes e seus respectivos sons, ela costuma alternar a escrita, ora escrevendo a sílaba completa, ora usando uma única letra para traçá-la, na mesma palavra.

Assim, a unidade de estudo e reflexão de uma criança silábico-alfabética é o fonema. Ela precisa perceber que uma letra é capaz de mudar uma palavra e que cada letra tem seu lugar, não podendo ser invertida ou omitida na sílaba.

A estimulação adequada para esse nível deve colocar a criança em conflito nos seguintes aspectos: como fazer sua própria escrita ser lida por outras pessoas? Como separar as palavras na escrita se isto não acontece na fala? Como adequar a escrita à quantidade mínima de letras⁸?

Nessa fase a mediação do psicopedagogo deverá acontecer no sentido de desafiar as crianças a pensar nos fonemas que ainda não conseguem representar. A escrita mediada deverá ofertar à criança as letras que ela já utiliza na escrita da palavra e desafiá-la a pensar naquelas que faltam para compor a sílaba, conforme expresso no exemplo a seguir (Figura 3).

O psicopedagogo deve desafiar os alunos silábicos-alfabéticos a pensarem além das sílabas, mais especificamente nos fonemas que estão presentes na palavra, no sentido de mostrar que uma letra faz toda a diferença numa palavra (Figura 4).

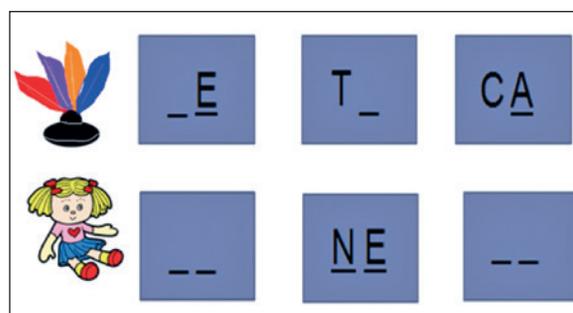


Figura 3 - Escrita mediada.
Fonte: arquivo da autora

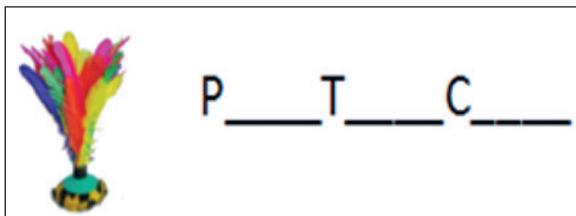


Figura 4 - Escrita mediada.
Fonte: arquivo da autora

A atividade denominada 'força pensada' apresentada numa palestra pela professora Renata Viana* auxilia bastante no processo de estimulação da criança na fase silábico-alfabética, pois possibilita a reflexão acerca dos fonemas que compõem a escrita da palavra.

A força pensada é uma atividade que segue as regras da força convencional com algumas adaptações. Esse jogo consiste em fazer a criança pensar nas letras que compõem a palavra da força. Para tanto, o psicopedagogo deverá:

- 1- Falar a palavra que deverá ser escrita na força.
- 2- Junto com os alunos, escrever a quantidade de sílabas e letras que a palavra possui.
- 3- Sortear a criança que irá iniciar o jogo.
- 4- As crianças deverão dizer quais letras são utilizadas para escrever a palavra da força.
- 5- Se a criança disser uma letra que não tem na palavra, desenha-se parte de um bonequinho (cabeça, corpo, um braço, o outro, uma perna, a outra), como na força tradicional. Se a criança acertar a letra, o psicopedagogo irá escrevê-la no local adequado.

Além do jogo, a professora Renata Viana destacou a importância da sistematização da palavra escrita na força pensada, na qual sugere que o professor organize uma sequência didática de forma que se trabalhe todos os dias

* Palestra com a Mestre Renata Viana Lima Rodrigues assistida no dia 16 de abril de 2018 na cidade de Santa Luzia.

da semana com uma palavra na força pensada, respeitando um campo semântico, como por exemplo, animais (CAVALO, VACA, CAMELO, MACACO).

Após a conclusão da escrita da palavra na força, o psicopedagogo poderá registrar num cartaz a palavra descoberta em frente à sua imagem. Assim, todas as palavras trabalhadas durante a semana serão registradas neste cartaz e servirão de apoio para que a criança consulte sílabas e que perceba que determinadas letras ou sílabas são compartilhadas entre palavras diferentes.

Ao chegar ao nível alfabético, o aluno já compreendeu as propriedades do sistema de escrita, mas ainda apresentará inúmeras dificuldades com relação às questões ortográficas. Quanto a isso, "parece-nos importante fazer essa distinção, já que amiúde se confundem as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita"².

No nível alfabético a criança registra todos os sons presentes nas sílabas enquanto no nível ortográfico a criança faz uso das convenções ortográficas da língua (regularidades diretas, contextuais, morfológico-gramaticais e irregulares).

A estimulação de um aluno em nível alfabético deve acontecer no sentido de levá-lo a perceber que existem fonemas que são representados por letras diferentes e que uma mesma letra pode representar fonemas diferentes, pois, dessa forma, possibilita o avanço para a compreensão da ortografia.

Embora os textos impressos constituam importante fonte de informação ortográfica – sobretudo nos casos que não têm regras –, é necessário observarmos que apenas a exposição à língua escrita não garante o domínio da norma ortográfica^{9,11}. Por isso, o trabalho com a ortografia deve ser visto como uma construção processual, orgânica e sequencial.

A ortografia é um objeto de conhecimento que pode e deve ser incorporado através da reflexão^{9,11}. Não é demais destacar que a aprendizagem da ortografia não é um processo passivo, mas, ao contrário, uma construção em

que os aprendizes elaboram hipóteses sobre como se escrevem corretamente as palavras de sua língua.

Nesse contexto, o papel da escola é ajudar os alunos a compreender os casos regulares da norma ortográfica (aqueles que têm regras) e tomar consciência daqueles que não têm regras (irregularidades) e que, portanto, precisam ser memorizados.

Entende-se por regularidades as muitas palavras que são escritas de acordo com certas regras, que podem ser discutidas e aprendidas. Enquanto nas irregularidades faz-se necessário que o psicopedagogo auxilie os alunos a tomar consciência de que a escrita de determinadas palavras não é orientada por regras. Nesse caso, é consultar modelos externos, como o dicionário, e memorizar.

É importante destacar que ditado, cópia, treinos e memorização sem reflexão das regras não auxiliam os alunos a refletirem sobre a ortografia, apenas constata-se se sabem ou não escrever corretamente e os incentivam a adotar uma atitude mecânica e passiva diante da norma ortográfica⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo buscou-se evidenciar a importância do professor alfabetizador e do psicopedagogo em compreender em qual nível de escrita a criança se encontra, não como uma forma de rótulo, mas, como um ponto de partida para que se compreenda o que ela já sabe sobre a escrita, de modo a desafiá-la a questionar suas hipóteses.

Sobre o diagnóstico da escrita foram ressaltados aspectos importantes para uma coleta de

informações reais sobre a escrita da criança, dentre elas, a relevância da escolha de palavras do mesmo campo semântico e a oferta de palavras com diferentes formações e quantidade de sílabas.

Para a atuação tanto do professor alfabetizador quanto do psicopedagogo foram apresentadas possibilidades de mediação na escrita da criança em vários níveis, partindo sempre de atividades desafiadoras e ressaltando a unidade de estudo e reflexão que deve ser estimulada em cada nível de escrita: nos níveis pré-silábico e silábico a unidade de reflexão é a sílaba, enquanto que nos níveis silábico-alfabético e alfabético é o fonema.

Pontuou-se ainda a relevância de diferenciar o nível alfabético do ortográfico e de como deve ser pensado o trabalho com o ensino da ortografia, de forma a considerar que as regularidades e irregularidades da nossa língua exigem intervenções diferentes.

No caso das palavras regulares a intervenção deverá ocorrer no sentido de levar a criança a construir e compreender determinada regra e fazer uso dela na escrita de palavras diversas. Nas palavras irregulares a estratégia de intervenção adequada deverá envolver a memorização da grafia das palavras.

Não é pretensão desse artigo eleger a escrita mediada como uma técnica infalível ou que terá um resultado eficaz em qualquer contexto, mas, sim, de ressaltar a importância para o trabalho do psicopedagogo em se considerar os conhecimentos que as crianças possuem em cada nível de escrita como ponto de partida para intervenções que visem o avanço de suas hipóteses.

SUMMARY

Mediated writing as a stimulation activity in the appropriation of the alphabetic system

Ferreiro and Teberosky's research on the psychogenesis of written language was popularized in Brazil in the 1980s and even with the proven contributions of these studies to literacy, it is still present in the reality of Brazilian schools literacy teachers who fail to understand what children they already know about writing and as a result of this lack of clarity, they find it difficult to know what to do so that the child can appropriate the alphabetical system. The purpose of this article is to discuss the possibilities of using mediated writing as an instrument of psychopedagogical intervention to stimulate the writing hypotheses of illiterate children about the alphabetical system. The methodology adopted for the construction of this article was the bibliographic research that served as a theoretical support for the presentation of practical stimulation strategies in each writing hypothesis in order to contribute to the appropriation of the alphabetical system. It was possible to conclude that the psychopedagogue needs to consider the knowledge that children already have at each level of writing as a starting point for psychopedagogical intervention and that mediated writing is an activity that contributes to the advancement of children's writing hypotheses.

KEYWORDS: Mediated Writing. Diagnosis. Stimulation.

REFERÊNCIAS

1. Paraná. Secretaria de Educação. Os desafios da escola pública na perspectiva do professor. Curitiba: Secretaria de Educação do Paraná; 2013 [acesso 2019 Ago 15]. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_pdp_serli_rech_moleta.pdf
2. Ferreiro E, Teberosky A. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas; 1979.
3. Soares M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica; 2003.
4. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no Ciclo de Alfabetização. Caderno 3. Brasília: MEC/SEB; 2015.
5. Ferreiro E. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez; 1992.
6. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado: Alfabetização. Módulo: Alfabetizar com textos. Brasília: Ministério da Educação; 1999 [acesso 2019 Maio 23]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_acao/pcnacao_alf.pdf
7. Ferreiro E. Com todas as letras. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
8. Fundação Bradesco. Coletânea Desestabilização de Hipótese da Escrita. 2014 [acesso 2019 Maio 23]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10639553-Setor-de-educacao-de-jovens-e-adultos-fundacao-bradesco.html>
9. Morais AG. Ensino de ortografia: como vem sendo feito? Como transformá-lo? Rev Educ. 1999;1(2):4-9.

10. Soares MB, Batista AAG. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG; 2005.
11. Rego LLB, Buarque LL. Algumas fontes

de dificuldade na aprendizagem das regras ortográficas. In: Moraes AG, org. O aprendizado da ortografia. Belo Horizonte: Autêntica; 1999.

Trabalho realizado na Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI), Arecibo, Porto Rico.
Conflito de interesses: A autora declara não haver.

Artigo recebido: 29/02/2020
Aprovado: 17/10/2020

